

## ASPECTOS SOBRE FILOSOFIA E[DA] ARTE

Prof. Dr. Keberson Bresolin

Publicada em 1750, a obra *Aesthetica Sive Theoria Liberalium Artium* de Alexander Gottlieb Baumgarten inaugura uma nova disciplina filosófica, a saber, a Estética. Essa disciplina busca se debruçar sobre o Belo e a Arte. A reflexão filosófica em torno da Arte derivou, assim, para uma ciência que fez da apreciação da Beleza, o seu tema fundamental. A Estética de Baumgarten advoga a ideia de que a Beleza e seu uso nas artes representam uma espécie de conhecimento conectado com nossa sensibilidade, o qual é, por natureza, confuso e inferior comparado ao conhecimento racional.

Desta forma, se, por um lado, a Estética oferece critérios para julgar as manifestações artísticas como autênticas ou inautênticas, valiosas ou não-valiosas, a *Filosofia da Arte*, por sua vez, extrapola este limite das avaliações ao apresentar-se como fenômeno histórico e social. A *Filosofia da Arte* está relacionada com a totalidade da existência humana, mantém íntimas conexões com o processo histórico e possui a sua própria história.

Dito isso sobre a *Estética* e a *Filosofia da Arte*, é necessário voltar aos gregos para nós entendermos o percurso do Belo/Beleza. Os gregos afirmam três tipos de beleza, a saber, a *estética*, a *moral* e a *espiritual*. Em uma interpretação mais abrangente, o Belo envolve-se com o Bem, submetendo-se. Nesta linha de pensamento, o cerne do pensamento platônico é que o Belo, como valor atribuído às coisas, deriva da *beleza universal*, a qual é uma *ideia*, uma essência. Ainda que a poesia seja tratada com alguma dignidade, a pintura e a escultura não servem para elevar a alma em vista de sua atividade mimética ser voltada para as coisas que já são meras cópias do mundo ideal. Essa distância entre a beleza no mundo e o ideal de Beleza diminui na doutrina de Aristóteles, na qual o caráter contemplativo do Belo tende a ajustar-se ao caráter prático da obra de arte. A arte, entendida como uma espécie de prolongamento da natureza, encontra, na mente do artista, a *causa formal e eficiente* de sua criação.

Enquanto Plotino vê na Arte um dos meios pelos quais o espírito humano se relaciona diretamente com a Beleza da qual Platão falou, os filósofos cristãos, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, principalmente, consideram separadamente essas duas ideias, que estarão unidas de maneira essencial no conceito de Belas-Artes. Com ideias racionalistas, antropocentrista e cientificista, no Renascimento, os artistas procuram imitar o que a Natureza tem de essencial e perfeito. Ela apresenta-se como um organismo vivo e governado por leis intrínsecas.

Por sua vez, a filosofia de Kant, possibilitando uma nova compreensão teórica do Belo, abriu horizontes para a reformulação do problema das relações entre Arte e Realidade. Kant oferece autonomia ao juízo de gosto. Segundo ele, as fontes do conhecimento são duas, a saber, sensibilidade e entendimento. Os conceitos são a manifestação de nosso processo epistêmico. Da mesma forma, os juízos práticos são a expressão de nossa razão pura ser prática e determinar *a priori* nosso arbítrio. O Belo, por sua vez, não pode ser nem um juízo prático nem um conceito determinativo. O belo se manifesta na satisfação interior, a qual é desinteressada e contemplativa. Neste sentido, o juízo estético é universalizável na medida em que o prazer desinteressado não é uma satisfação particularista, mas comum a todos os homens. Neste sentido, Kant está muito mais preocupado com as condições de possibilidade do juízo de gosto do que com o objeto que nos chega.

Por outro lado, uma das marcas características da estética de Hegel, diante de seus predecessores como Kant e Platão, é a insistência no vínculo entre arte e verdade. A arte é para Hegel não apenas um mero jogo da imaginação com o entendimento nem apenas ilusão, mas a expressão sensível da ideia, a qual implica um momento fundamental de reconciliação do espírito com a sua efetividade e história.

Diferentemente de uma visão racionalista da arte, Nietzsche entende que a vida é um fenômeno estético: a aparência importa mais do que a verdade. A vida precisa ser mais dionisíaca do que apolínea. Só pela criação da aparência artística podemos dar sentido humano à existência. Neste sentido, Benedetto Croce (1866-1952) afirma que a Arte nasce da intuição de sentimentos que o artista converte em imagens, intuição que prescindem dos conceitos abstratos e gerais. O que importa, portanto, é a expressão do artista, a qual não precisa mais prestar conta à realidade ou à verdade.

Considerando o prognóstico hegeliano que a arte iria acabar, podemos perguntar: O que está acontecendo com a Arte? É ela, ainda, uma necessidade para nós? Para responder a estas indagações, precisamos considerar a técnica, a qual, entendida na acepção de poder efetivo, regulador da vida dos homens (tecnicismo), acabou por dirigir as demais atividades humanas ameaçando absorver a expressão artística. A objetividade da técnica, associada ao sistema capitalista, colonizam as estruturas e relações sociais e pessoais. Neste sentido, a arte apresenta uma nova linguagem, chocante, contraditória, liberta de nexos lógicos, intencionalmente absurda. É a *antipoesia* pregada pelo *dadaísmo*.

Neste contexto, o fenômeno da abstração apareceu forte na evolução da cultura artística nos últimos cinquenta anos. O artista abstrato só tem interesse pelo mundo movido das formas que faz nascer, pela gestação de ritmos e pelas modulações cromáticas. O humano

teria sido expulso dessa pintura exigente, ou como diz Kandinsky (1866-1944), um dos pais do abstracionismo, "um ponto no quadro diz amiúde mais do que um rosto humano".

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

NUNES, Benedito. *Introdução à Filosofia da Arte*. 4 e.d. São Paulo: Ática, 1999.